

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS
CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL**

Larissa Kohl Rotta

**UMA DISTOPIA CYBERPUNK BRASILEIRA PELA ESCRITA DE IGNÁCIO DE
LOYOLA BRANDÃO**

Cerro Largo 2025

LARISSA KOHL ROTTA

**UMA DISTOPIA CYBERPUNK BRASILEIRA PELA ESCRITA DE IGNÁCIO DE
LOYOLA BRANDÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras Português e Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de licenciado
em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Lemos Berned

**CERROLARGO
2025**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rotta, Larissa Kohl

Uma distopia cyberpunk pela escrita de Ignácio de Loyola Brandão / Larissa Kohl Rotta. -- 2025.
35 f.

Orientador: Doutor Pablo Lemos Berned

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2025.

1. Distopia. 2. Cyberpunk. 3. Tecnologia. I. Berned,
Pablo Lemos, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

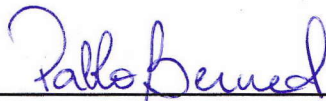
LARISSA KOHL ROTTA

**UMA DISTOPIA CYBERPUNK BRASILEIRA PELA ESCRITA DE
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**

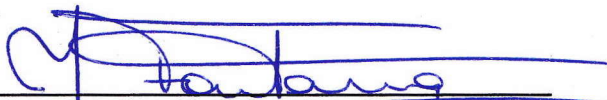
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras - Português
e Espanhol da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de licenciado em Letras.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 03/07/2025.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pablo Lemos Berned - UFFS
Orientador



Prof. Dr. Marcus Vinicius Liessem Fontana – UFFS
Avaliador



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz - UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus pais, que foram o alicerce para a realização deste sonho. Dedico também ao meu orientador, professor Pablo, em agradecimento por todos os ensinamentos ao longo da trajetória universitária e principalmente por cada orientação com muita paciência, escuta e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma foram fonte de força e perseverança durante a minha caminhada e durante a escrita deste trabalho. Primeiramente aos meus pais que muitas vezes abdicaram de vontades próprias para realizar as minhas e suprir as minhas necessidades, sempre com amor e incentivo. Logo depois, agradeço à minha irmã, Sheila, por todos os momentos de escuta, conselhos e puxões de orelha, e principalmente por ser meu primeiro e grande exemplo de determinação na busca pelos meus sonhos. Também à minha irmã do coração, Andréia, por sempre estar presente com carinho, afeto e conforto.

Não posso deixar de agradecer a todos os meus professores, ao longo de toda a vida, representados inicialmente pela professora Elisete, que me apresentou a leitura prazerosa, e posteriormente pelo professor Pablo, meu orientador, por despertar em mim esse prazer adormecido pelo cotidiano.

Por fim, agradeço aos colegas de turma pela troca de experiências e pelo apoio mútuo durante todo o percurso, em especial à Bruna e à Daiane, que foram as minhas amigas irrepreensíveis durante esses anos, nossa conexão foi o refúgio que meu corpo e minha alma por muitas vezes necessitaram para voltar à rota em momentos de angústia, mas também foram acolhida e festa nos momentos de realizações.

Todos vocês foram combustível para o meu percurso. Muito obrigada!

“[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.” (CANDIDO, 1995, p.174)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise do romance "Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela", de Ignácio de Loyola Brandão, sob a perspectiva dos conceitos do subgênero distópico Cyberpunk, destacando suas críticas sociais e suas representações na sociedade brasileira contemporânea. A pesquisa busca refletir sobre a ambientação do romance, a interferência da tecnologia nas relações sociais e pessoais, bem como a manipulação promovida por ela. Além disso, a análise considera também o contexto político, social e econômico do Brasil, especialmente após eventos como as eleições de 2018, a crise política e a disseminação de notícias falsas. Para isso é analisada também a estrutura do romance que apresenta uma mescla de narrativas ficcionais e de notícias reais, intercalando capítulos que utilizam manchetes de jornais – algumas fictícias e outras verdadeiras – para estabelecer paralelos entre a ficção distópica e a realidade brasileira. Essa estratégia fomenta a compreensão de temas relevantes, como a alienação social, a manipulação midiática, o uso indevido da tecnologia, o crescimento das desigualdades e as crises políticas. Além disso, o romance retrata um futuro próximo no qual a sociedade enfrenta proliferação de notícias falsas, manipulação das informações, degradação ambiental e crise de valores, refletindo uma crítica à direção que a sociedade atual vem tomando. O trabalho reforça ainda a importância de Ignácio de Loyola Brandão na literatura brasileira por abordar temas sensíveis e contestadores, como a liberdade de expressão e as questões sociais mais urgentes, através de uma narrativa que mescla elementos distópicos e cyberpunk. Assim, o trabalho busca contribuir para uma compreensão mais aprofundada do papel da literatura na denúncia social e na reflexão crítica sobre o futuro da sociedade brasileira, especialmente num contexto de rápidas mudanças e incertezas globais.

Palavra-chave: Distopia; Crítica social; Tecnologia; Sociedade brasileira.

RESÚMEN

El presente trabajo propone un análisis de la novela "Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela", de Ignacio de Loyola Brandão, bajo la perspectiva de los conceptos del subgénero distópico Cyberpunk, destacando sus críticas sociales y sus representaciones en la sociedad brasileña contemporánea. La investigación busca reflexionar sobre la ambientación de la novela, la interferencia de la tecnología en las relaciones sociales y personales, así como la manipulación promovida por ella. Además, el análisis también considera el contexto político, social y económico de Brasil, especialmente después de eventos como las elecciones de 2018, la crisis política y la difusión de noticias falsas. Para ello se analiza también la estructura de la novela que presenta una mezcla de narrativas ficticias y noticias reales, intercalando capítulos que utilizan titulares de periódicos - algunos ficticios y otros verdaderos - para establecer paralelos entre la ficción distópica y la realidad brasileña. Esta estrategia fomenta la comprensión de temas relevantes, como la alienación social, la manipulación mediática, el mal uso de la tecnología, el crecimiento de las desigualdades y las crisis políticas. Además, la novela retrata un futuro cercano en el que la sociedad enfrenta proliferación de noticias falsas, manipulación de la información, degradación ambiental y crisis de valores, reflejando una crítica a la dirección que ha tomado la sociedad actual. El trabajo también refuerza la importancia de Ignácio de Loyola Brandão en la literatura brasileña por abordar temas sensibles y contestatarios, como la libertad de expresión y las cuestiones sociales más urgentes, a través de una narrativa que mezcla elementos distópicos y cyberpunk. Así, el trabajo busca contribuir a una comprensión más profunda del papel de la literatura en la denuncia social y en la reflexión crítica sobre el futuro de la sociedad brasileña, especialmente en un contexto de rápidos cambios e incertidumbres globales.

Palabra-clave: Distopia; Crítica social; Tecnología; Sociedad brasileña.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O AMBIENTE COMO REFLEXO DO INTERIOR E DAS AÇÕES DAS PERSONAGENS.....	15
3 A TECNOLOGIA QUE CONECTA E DESCONECTA.....	22
4 O PARALELO ENTRE O ACESSO À INFORMAÇÃO E A DESINFORMAÇÃO	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Ignácio de Loyola Brandão nasceu em Araraquara, estado de São Paulo, no ano de 1936. Sua trajetória de vida foi marcada por muitos dos eventos históricos do nosso país e do mundo, como as muitas revoltas populares, grandes guerras, a implementação dos direitos trabalhistas, a ditadura militar brasileira, a reabertura democrática e a constituição de 1988. Muitos desses acontecimentos foram retratados em seus livros e crônicas, nos quais Brandão mostra sua preocupação com questões políticas e sociais brasileiras, e o romance **Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela** é uma dessas obras. O último romance escrito pelo autor e que foi publicado em 2018 retrata muito bem, em meio a um contexto distópico de dominação tecnológica, os conflitos emergentes naquele ano, a divisão política e ideológica enfrentada pela população em um ano eleitoral muito conturbado e no qual a tecnologia teve papel fundamental para o rumo do país, principalmente pelo seu uso indevido e pela propagação das conhecidas notícias falsas.

Neste romance distópico, Brandão faz espécies de previsões futuristas como sendo o resultado de alguns comportamentos e escolhas da sociedade atual. Essas “previsões” se dão por meio de um enredo desenvolvido em torno da história de um casal, Clara e Felipe, que está em um doloroso processo de separação e que é, em boa parte, causado por muitos desses comportamentos que o autor vem a criticar, como o abuso do uso de tecnologias em detrimento do contato humano, a falta de liberdade de expressão, entre outros fatores. A crítica se torna cada vez mais clara ao longo da leitura, pois ao ponto que vamos passando as páginas é possível perceber que a história se entrelaça com manchetes e notícias que falam de eventos catastróficos que acontecem nesse país.

Vale destacar que as próprias personagens já não conseguem reconhecer o lugar onde vivem como sendo o Brasil e nem mesmo o ano em que estão. Nesse futuro não identificado pelo autor e nem pelas personagens ocorrem situações catastróficas e que pela grande maioria da população daquele lugar são tidas como normais devido à frequência desses eventos, que por sinal se assemelham em grande parte com fatos ocorridos nas primeiras duas décadas do século XXI.

Alguns exemplos disso seriam o total abandono de obras públicas, a revelação de muitos escândalos de corrupção por parte de empresas privadas,

estatais e ocupantes de cargos políticos, e o descaso com o meio ambiente que torna o aquecimento global algo gravíssimo.

Por seu teor e conteúdo provenientes da distopia, seja pelo futurismo ou pelo ambiente e espaço catastrófico em que a narrativa se desenvolve, o *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* já seria um interessante material de análise, mas, além disso, ele traz algumas características que o tornam diferentes da grande maioria dos romances distópicos nacionais, e a principal delas é a relação com o subgênero *Cyberpunk*. O *Cyberpunk* traz características, como a vida tomada pela alta tecnologia e o caos urbano (Lemos 2004), que nos ajudam a compreender essas críticas presentes no enredo e de que forma elas nos atingem não só no momento atual, mas também a longo prazo, tendo como resultado uma sociedade cada vez mais alienada a aspectos sociais problemáticos. Ademais, vale ressaltar que as temáticas trabalhadas por Ignácio de Loyola Brandão em seus livros, de uma forma geral, são de extrema importância por trazerem à tona tópicos sensíveis da sociedade brasileira, como a liberdade de expressão por exemplo, que é uma temática abordada em várias obras do autor.

Apesar da importância de Ignácio de Loyola Brandão para a literatura brasileira, e do sucesso de suas demais obras como por exemplo os romances *Não verás país nenhum*, de 1981, e *Zero*, de 1974, a obra em questão, *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*, é material de poucas análises publicadas até hoje, isso se deve, em parte, por se tratar de uma obra atual e relativamente nova e por seu conteúdo com críticas bastante claras e reflexões fortes sobre as nossas ideologias e atitudes em relação ao nosso grupo social e às relações humanas que mantemos no presente.

Durante a leitura do mais atual romance do autor, é possível fazer reflexões sobre temas como, a organização política do país não somente no ano de sua publicação, mas também após o resultado da tão conturbada eleição de 2018, a divisão de poderes, a desigualdade social, o individualismo e a falta de liberdade de expressão. É possível também perceber que todos esses tópicos estão relacionados a três grandes problemas sociais atuais, a relação abusiva entre o homem e a tecnologia, a baixa qualidade de vida e o individualismo das relações interpessoais. Esses problemas serão analisados ao longo dos três capítulos deste trabalho, dentro dos grandes aspectos centrais: a ambientação do romance, a interferência da tecnologia nas relações sociais e pessoais e a manipulação por meio dela.

Essas temáticas são distribuídas de forma bastante marcante ao longo dos 64 capítulos do romance, nos quais elas são apresentadas e desenvolvidas de duas maneiras distintas. Embora o enredo tenha como ponto de partida a história do casal Felipe e Clara, nem todos os capítulos trazem a presença desses dois personagens, alguns dos capítulos do livro se detêm em apenas apontar acontecimentos do período em que a história está se passando. Dessa forma, as temáticas aparecem ora por meio de matérias de noticiários com manchetes sempre sensacionalistas e até mesmo assustadoras, ora por meio do próprio enredo e dos acontecimentos envolvendo os personagens Clara e Felipe ao longo de suas trajetórias, sempre marcadas por eventos importantes para a sociedade daquele tempo futuro e até mesmo em lembranças que os dois mantêm a respeito de épocas passadas.

Além de os capítulos serem divididos entre narrativa e noticiário, ao início de cada capítulo há um pequeno trecho de manchete de jornal, alguns desses trechos são notícias inventadas para o contexto do que será narrado no restante do capítulo, já outros são notícias verdadeiras do Brasil em diferentes épocas, como o recorte da página 99 que fala sobre a morte e descoberta artística do artista plástico Fernando Diniz nos anos 90. A partir de trechos como esse é possível perceber que essa estruturação dos capítulos, trazendo uma mescla entre a ficção e a realidade nos permite enxergar as semelhanças entre elas, principalmente quando os trechos ficcionais aparecem em forma de paródia.

A escolha por analisar a obra "Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela" se fundamenta na necessidade de compreender criticamente as representações distópicas presentes na literatura brasileira contemporânea e suas conexões com temas atuais, como o uso indevido da tecnologia, a crise política e o impacto ambiental. O objetivo deste trabalho é analisar o romance com base nos conceitos literários de caracterização do sub gênero distópico Cyberpunk e da sua representação no Brasil para traçar críticas a alguns comportamentos sociais contemporâneos, mantendo o foco principal da análise nos três eixos principais, já citados anteriormente: a ambientação do romance, a interferência da tecnologia na rotina das pessoas e a manipulação que ela pode gerar em uma sociedade de economia subdesenvolvida como a nossa.

A obra de Brandão oferece uma reflexão profunda sobre os comportamentos sociais e as consequências dessas ações, sendo um instrumento importante para

fomentar a consciência sobre os ciclos de destruição e negligência na nossa sociedade. Assim, o estudo busca contribuir para a valorização da literatura distópica brasileira como forma de crítica social e ferramenta de reflexão, além de promover uma análise aprofundada das questões que moldam o Brasil contemporâneo e seu futuro possível.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com análise bibliográfica e documental do romance *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* e de trabalhos acadêmicos relacionados ao gênero distópico, ao subgênero Cyberpunk e às questões sociopolíticas contemporâneas do Brasil. A análise textual foi conduzida para identificar os principais elementos da ambientação, caracterização dos personagens e as críticas sociais presentes na narrativa. Além disso, foram utilizados recursos de análise de conteúdo para relacionar fatos históricos e acontecimentos atuais com as projeções descritas na obra, possibilitando uma compreensão mais aprofundada das reflexões do autor acerca do presente e do futuro da sociedade brasileira.

Cada um dos três capítulos destinados à análise, que serão apresentados a seguir, aborda aspectos específicos dessa narrativa. No primeiro capítulo foi analisada a ambientação da narrativa, a representação de ambientes urbanos em caos como um reflexo do que se passa no interior das personagens e como resultado das suas ações. Logo na sequência, no segundo capítulo, foi analisado o impacto da tecnologia na subjetividade e no individualismo humano, e as críticas sociais subjacentes às condições de crise e abandono. Já no último capítulo foram analisadas desde as estratégias do autor para evidenciar a manipulação midiática e a vigilância constante, até o papel das notícias falsas na formação da opinião pública e na manutenção das desigualdades. Por fim, nas considerações finais, serão discutidas as funções dessas distopias como instrumentos de alerta e reflexão, destacando sua relevância para compreender e enfrentar os desafios atuais de nossa sociedade.

2 O AMBIENTE COMO REFLEXO DO INTERIOR E DAS AÇÕES DAS PERSONAGENS

A trajetória do protagonista Felipe em sua busca por resolver os problemas de seu relacionamento com sua namorada Clara é nitidamente marcada pela realidade social vivida pelos dois, que engloba diversos fatores, mas principalmente suas escolhas diante das situações em que estão inseridos. Ele, um homem que não se entrega totalmente ao mundo tecnológico, mas que tem total noção de como a tecnologia influencia em sua vida mesmo que ele deixe de usá-la, e ela uma mulher que acredita que esse homem se deixou levar pelos problemas e que sua recusa à “evolução” não é somente em relação ao uso de celulares, mas também ao compromisso que não assume com ela.

Embora Felipe seja um homem muito inteligente e com ideologias muito marcantes, a partir do momento em que Clara decide desistir da relação que os dois mantêm, ele acaba se dispersando de suas próprias ideias e se perdendo em um abismo de conflitos internos, que são muito bem retratados pelo ambiente ao qual ele está inserido durante a história. O caos em que sua mente se transforma é facilmente comparável ao caos que se instaura na sociedade em que vivem as personagens.

Para compreender melhor essa ideia de como o ambiente pode ser também uma representação interior das personagens é interessante compreender que a ambientação da história é um ponto muito importante para a sua construção, e tem papel fundamental no desdobramento da narrativa. No caso desse romance, o local onde a história se passa está tão perdido em caos quanto a vida do personagem Felipe, e ao mesmo tempo em que buscamos entender os seus conflitos internos por meio de suas ações, buscamos também compreender os problemas que aquela sociedade enfrenta, que são muitos e graves, e como ela chegou àquele determinado ponto de calamidade nesse futuro distópico.

Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela tem os característicos pontos que o definem como sendo parte do gênero distópico: a forma de vida precária, a ideia de que o mundo está para acabar, o caos...(Hilário, 2013). Esse caos é retratado de forma a nos fazer imaginar as cenas e poder relacioná-las com a nossa realidade mundana atual durante a leitura.

O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de

incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. (HILÁRIO, 2013, p. 202)

Nesse sentido ainda, levando em consideração o papel da tecnologia dentro desse caos, há uma classificação de subgênero dentro da distopia que surge por volta dos anos 1980 com a publicação do romance *Neuromancer* de William Gibson e com o lançamento do livro (1968) e logo depois do filme *Blade Runner* (1982), e que se relacionam em muitos aspectos, como a estética sombria e a abordagem de temas complexos, com a escrita de Brandão nesse romance, esse subgênero se chama *cyberpunk*. O *Cyberpunk* surge com a intenção de desbancar as utopias modernas que sonhavam com um mundo onde a tecnologia seria a solução para muitos problemas sociais, mostrando que a realidade em relação às inovações tecnológicas pode ser catastrófica se não for tomado o devido cuidado com o seu uso.

Adriana Amaral define como o gênero vem sendo visto:

O cyberpunk é visto como uma visão de futuro no qual há uma ambigüidade intrínseca à época, sendo por vezes nostálgico, romântico e anti-tecnológico e por vezes deslumbrado com os “brinquedinhos” proporcionados pela tecnologia *per se*. (2003, p. 3)

Neste ponto podemos ver as percepções das duas personagens principais, Felipe e Clara, ele um grande inimigo dos avanços tecnológicos, mas que já usufruiu muito deste em sua vida, seu trabalho como publicitário e até mesmo nas ilegalidades que cometia como *hacker*. Já ela, uma mulher totalmente conectada, mas que em certo ponto da vida resolve se isolar e se tornar inconectável. Ainda sobre o papel dos protagonistas no romance *Cyberpunk*:

Os protagonistas cyberpunks se deparam com situações ligadas ao cotidiano das grandes metrópoles atuais, assoladas pelo caos urbano, o crime, a poluição e a degradação das relações sociais. Mesmo sendo distopias, as histórias vão além da relação de dualidade entre a tecnofilia e a tecnofobia que marcou a ficção científica até então. O cyberpunk é uma ficção, segundo seus autores, reflexo da época contemporânea. (LE MOS, 2014, p. 13)

Ou seja, toda essa percepção de que o que lemos no romance de Brandão tem relação com a nossa realidade atual é na verdade intencional do *Cyberpunk*. Todas as temáticas trabalhadas nesse gênero tem o papel de nos fazer refletir e compreender as complicações de problemas da sociedade pós-moderna, como a desigualdade social, os avanços e o uso sem moderação da tecnologia, entre

outros. “As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam.” (HILÁRIO, 2013, p. 206). Ainda nessa perspectiva, a construção da ambientação da narrativa também tem relação clara não somente com o caos mental de Felipe, mas também com o caos social da pós-modernidade. Em outro texto de Amaral a autora explica melhor sobre essa ambientação e seu papel dentro da construção de sentido da narrativa Cyberpunk no geral.

A cidade possui um papel fundamental servindo como uma identidade sombria, chuvosa e apavorante convertendo-se em distopia arquitetônica e metáfora para o ciberespaço; suas ruas como “veias sujas” e abertas para o crime e a desorganização. (Amaral, 2006, p.12)

A partir disso, podemos analisar o local onde a narrativa se passa, uma cidade que não tem nome definido, mas pode ser entendida como qualquer um dos grandes centros brasileiros, como São Paulo, por exemplo. A precariedade e a baixíssima qualidade de vida, o caos urbano, a sujeira, tudo de uma forma muito agravada, impondo aos leitores o sentimento de medo e a reflexão a respeito daquilo que fazemos hoje em dia quanto sociedade para que a vida não se torne igual à essa ficção.

No capítulo *Ninguém quer testemunhar nada*, há uma descrição de um lugar em que o ônibus de Felipe para em sua viagem em busca de Clara.

O ônibus parou numa rua inundada. Automóveis, caminhões, carretas, peruas, vans, tudo bloqueado, a água subindo, motoristas nas capotas, mulheres se afogando, crianças se afogando, cães tentando nadar, arrastados pela correnteza. A água desce dos morros, traz árvores, casas, paus, pedras, lama, mortos debaixo dos escombros. Fedor, carcaças, plásticos, geladeiras, garrafas PET, fogões, armários, sofá, carros em cima de telhados.

Governo:

Deus está nos submetendo a uma grande provação. (Brandão 2018, p. 190)

A cidade aqui descrita está em estado caótico, no entanto, não é o mesmo caos presente em obras cyberpunk como *Neuromancer*, por exemplo. Os problemas enfrentados na realidade distópica criada por Brandão são aqueles que seriam enfrentados em países não desenvolvidos, diferentemente dos criados por Gibson, que se apresentam em países desenvolvidos, com tecnologias mais avançadas e com uma estrutura social que um dia já foi mais igualitária e com riquezas mais bem administradas. Já o caos urbano descrito por Amaral(2006) como uma característica

do cyberpunk tem uma semelhança maior com o escrito por Brandão nesse romance. No trecho do romance citado anteriormente é possível destacar situações como a inundação da cidade e o descaso governamental, temáticas já recorrentes na realidade do presente Brasileiro, e que só se agravaram com o passar do tempo até chegar a esse futuro não identificado.

O trânsito e a dificuldade de locomoção dentro da cidade dão às personagens mais tempo, que a rotina pós-moderna lhes roubava, para visualizarem os problemas sociais à sua volta. Esse é outro ponto da narrativa que a diferencia de algumas outras obras do gênero, mas que a assemelha com a realidade de vida do brasileiro. Essa rotina pós-moderna onde a vida é uma constante necessidade de produtividade e onde se está sempre em movimento para garantir o sustento financeiro é típico de países com grande desigualdade, como o Brasil, onde os salários são baixos e o custo de vida é caro, e onde a riqueza é distribuída de forma muito desigual. Assim, aqueles que, assim como Felipe e Clara, não possuem uma vida de classe média, só percebem alguns dos problemas que estão localizados às margens da sociedade quando a vida de alguma forma os obriga a parar e observá-los.

As escolhas de Felipe depois de seu término com Clara podem ser descritas como atos desesperados em meio a sentimentos confusos e caóticos, atos impensados durante uma viagem para um lugar onde ele sequer sabe onde fica e durante um tempo que ele nem consegue mais calcular. Nessa mesma perspectiva de confusão, o país retratado no livro não tem mais nome, nem um governante definido, e nem mesmo se sabe o ano em que os eventos se passam, porém alguns aspectos dão a entender que esse futuro não seria assim tão distante do vivido por nós nos dias de hoje. Essa ideia de esquecimento traz ao leitor a reflexão da situação política atual de nosso país, principalmente nos anos que seguiram a eleição de 2018, um país abandonado, que muitas vezes não era lembrado pelo seu nome ou sua história, mas sim pelos escândalos de corrupção e desgovernança e tinha a sua história de luta pela democracia contestada por aqueles que assumiam os postos mais altos de poder. Sobre isso, Sampaio (2016 p. 123) diz que:

No último século, tivemos três golpes de Estado no país e, em menos de trinta anos de Nova República, dois presidentes sofreram processo de impeachment. Isso demonstra a grande instabilidade democrática do Brasil, diretamente ligada à nossa história e às formas como lidamos com as atrocidades ocorridas desde o genocídio indígena e a escravidão até as

torturas praticadas e fortalecidas durante a ditadura militar e que hoje acontecem cotidianamente nas periferias.

A memória das personagens, por exemplo, remete à uma época de “impeachments golpistas” (Brandão, 2018, p. 22), que pode ter associação clara com o impeachment de Dilma no ano de 2016, dois anos antes da publicação do livro, e a grandes escândalos de corrupção, chegando a citar a *Operação Lava Jato* em trecho que diz “[...] datando ainda da época das prisões e delações da famosa e extinta Lava Jato, série de processos que desmascararam a política corrupta de negociatas e transações ilegais” (Brandão, 2018, p. 39). Vale ressaltar que a operação teve início no ano de 2014 com o intuito de investigar crimes de corrupção e lavagem de dinheiro perante a Justiça Federal de Curitiba, segundo o Ministério Público Federal (2022) e tem desdobramentos acontecendo até os dias de hoje. Assim é possível perceber que eventos marcantes da atualidade ainda se fazem presentes na memória das personagens.

Nessa mesma perspectiva, podemos dizer que, assim como a realidade e os problemas enfrentados por Felipe durante sua viagem são resultados de suas escolhas em seu relacionamento com Clara e até mesmo posterior a ele, os diversos problemas enfrentados pela sociedade descrita no romance são também efeitos de suas ações no passado, principalmente de escolhas políticas ou que envolvem o coletivo, como o descuido com o meio ambiente, por exemplo.

Aqui temos, portanto, uma das críticas feitas por Brandão durante esse romance, a de que o ambiente em que vivemos e viveremos é completamente definido por nossas escolhas e ações. Isso pode ser destacado em muitos pontos por onde Felipe passa durante sua viagem para Morgado de Mateus, cidade natal de Clara e onde busca encontrá-la, e até mesmo na própria cidade, um lugar completamente esquecido pela história e que foi abandonado pelos próprios moradores de lá.

O nome dessa cidade pode ser visto como uma referência clara ao período colonial brasileiro, visto que o título de nobreza, Morgado de Mateus, foi dado inicialmente ao primeiro governador da capitania restaurada de São Paulo, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, e que foi um dos grandes personagens para o progresso econômico, político e social da cidade. Além disso, o romance cita uma relação entre Morgado de Mateus e a obra *Os Lusíadas*, ao dizer que pode haver uma edição especial dessa obra perdida na cidade, isso se deve ao fato de o 5º

Morgado de Mateus, D. José Maria, foi o editor de uma edição monumental do livro e que está exposta na Casa de Mateus em Portugal. Dessa forma, se abre uma incógnita sobre a real localização da cidade de Morgado de Mateus no romance, seria uma das cidades modificadas por ele, como Campinas, Piracicaba ou a própria São Paulo? Ou seria uma cidade que não está nem mesmo dentro do Brasil? Vale ressaltar que o longo caminho percorrido por Clara e Felipe para chegar até ela e até mesmo a impunidade que os *astutos* têm nela abrem espaço para que o leitor tenha essa segunda reflexão.

Retomando, fica, portanto, clara a relação entre as ações humanas e o estado do ambiente social e físico retratado na narrativa. A viagem de Felipe simboliza, além de uma busca pessoal, uma reflexão sobre as consequências de nossas escolhas coletivas, que moldam o cenário em que vivemos. A cidade de Morgado de Mateus, abandonada e esquecida, representa um espaço de retorno às origens, mas também um símbolo do abandono de valores e do descontrole, reforçando a crítica do autor à desordem social resultante das ações humanas. Assim, o ambiente deixa de ser apenas um pano de fundo para se tornar um reflexo direto das nossas atitudes e decisões, reforçando a ideia de que o espaço externo é, na verdade, um espelho do interno.

O estranho sentimento novo de uma ausência do externo e do interno, o desnorteamento e a perda da orientação espacial [...], a desordem de um ambiente no qual as pessoas nem as coisas têm mais seu lugar. (JAMESON, 2007, p. 138).

Nesse contexto, a citação de Jameson reforça a sensação de desconexão e desorganização que permeia a narrativa, evidenciando a perda de referência tanto no espaço interno quanto no externo. Essa sensação de desorientação, vivida por Felipe e pelo ambiente ao seu redor, evidencia a crise de identidade e a sensação de impotência diante de um mundo em colapso. Assim, o romance convida o leitor a refletir sobre suas próprias escolhas e o impacto delas na construção de um ambiente social mais equilibrado ou caótico, demonstrando que a mudança começa a partir das ações de cada indivíduo diante do cenário de desordem.

Além disso, embora muitos aspectos do romance tenham um toque quase lúdico e completamente sensacionalistas, essa devastação pela qual o país passa não está tão fora da realidade assim, visto que as crises climáticas, a desigualdade e a pobreza têm crescido muito, não só no Brasil, mas em outras partes do mundo também, segundo o índice Gini, publicado pela ONU em dezembro de 2024.

Portanto, a conexão entre o caos social e o psicológico reforça a ideia de que o ambiente não é apenas um espaço físico, mas uma extensão do estado emocional e das decisões dos indivíduos. Assim, a ambientação distópica funciona como um dispositivo literário que potencializa a reflexão sobre as consequências de escolhas humanas no contexto social, apresentando um futuro sombrio como uma advertência e uma reflexão crítica sobre os rumos atuais da sociedade brasileira e global.

3 A TECNOLOGIA QUE CONECTA E DESCONECTA

Da metade até o final do século XX, alguns eventos importantes no mundo fazem surgir novas visões sobre o mundo, sobre a filosofia, a economia, enfim, sobre a sociedade no geral. Alguns desses eventos são o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e a queda da União Soviética (1991), e a partir deles a formação das ideologia populares passou a se movimentar e se formar de uma forma bastante distinta, visto que as últimas grandes manifestações ideológicas que atingiram grandes grupos, o *nazismo* e o um projeto de *comunismo*, que não seguia exatamente a ideia principal defendida por Marx e Engels mas sim seguia um regime au, foram de forma geral causadoras de grandes tragédias.

Depois do declínio dessas duas vertentes o capitalismo consolidou-se como o sistema econômico dominante globalmente, com uma maior difusão das ideias de mercado livre, neoliberalismo e privatizações. Embora o regime nazista tivesse caráter capitalista, esse investimento industrial era interno, mantendo um capitalismo de estado, porém, não tendo grandes relações comerciais com outros países. Dessa forma, esse avanço de final de século resultou na intensificação da globalização, na busca por eficiência econômica e na predominância das corporações multinacionais, configurando uma era marcada pela expansão do sistema capitalista em escala mundial.

Essa nova forma de pensar, que passa a se manifestar mais fortemente por volta dos anos 80 e na qual passa a acontecer certa dissolução da razão e a valorização do pensamento individual, vai ser chamada pelos sociólogos e historiadores de *pós-modernidade*. A pós-modernidade, de forma geral, é formada por muitas interpretações da realidade, é o que muitos autores chamam de crise de valores, visto que é um tempo que se encontra além da razão e mais relacionado com a formação de uma identidade plural e eclética. Segundo Bauman (2001), essa identidade plural, ou a incapacidade de manter valores sólidos pode ser chamada “modernidade líquida”, visto que:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada — ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis — não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma

maior expectativa de vida. (BAUMAN, 2001, p.56)

Nessa mesma perspectiva, e levando em consideração as ideias de Bauman, assim como as ideologias são rasas e se dissolvem com facilidade, as novidades passam a ser novas cada vez por menos tempo, ou seja, há sempre algo mais atualizado sendo pensado, desenvolvido e lançado ao mundo. Diante disso, Hall (2006) afirma que a globalização tem papel importante nessa mudança de comportamento apresentada na pós-modernidade, na qual as identidades são fragmentadas e formadas de várias identificações, fazendo com que um sujeito não tenha um grupo definido e sólido com o qual se identifica, mas pode se identificar com vários grupos em diferentes aspectos, e, dessa forma, sua identidade é formada historicamente. Dentro dessa mesma linha de pensamento, Jameson (1991, p.29) defende que:

[...]as teorias do pós-moderno têm uma grande semelhança com todas aquelas generalizações sociológicas mais ambiciosas que, mais ou menos na mesma época, nos trazem as novidades a respeito da chegada e inauguração de um tipo de sociedade totalmente novo, cujo nome mais famoso é “sociedade pós-industrial” (Daniel Bell), mas que também é conhecida como sociedade de consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade eletrônica ou high-tech e similares.

Ao falar sobre a nova caracterização e as novas nomenclaturas dadas à sociedade pós-moderna, citando termos como “sociedade da informação” e “sociedade eletrônica”. E embora essa sociedade pós-moderna seja marcada pela comunicação e pela mescla de identidades, outro aspecto bem interessante dela é a individualidade, ou melhor dizendo, o individualismo. Nesse sentido, fazendo associações com o conteúdo do livro de Brandão, podemos de fato, entender o recorte social que as personagens descritos ao longo da narrativa corroboram com a ideia do que representaria uma sociedade pós-moderna, tendo em vista que, o uso da tecnologia é algo muito presente, as identidades das personagens são formadas de muitas ideologias e que muitas das temáticas trabalhadas são satirizadas e expostas em forma de paródias nas notícias descritas nos capítulos.

Para Hutcheon “A paródia é uma das formas mais importantes da moderna auto-reflexividade; é uma forma de discurso interartístico.” (1989, p.13), ou seja, a paródia traz por meio de sua intertextualidade a reflexão a partir da temática da qual ela trata. A autora ainda defende que:

Com efeito, o que é notável na paródia moderna é o seu âmbito intencional do irônico e jocoso ao desdenhoso ridicularizador. A paródia é, pois, uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado. (HUTCHEON, p.17)

A paródia, presente na obra de Brandão, funciona como uma estratégia de crítica social ao transformar notícias e elementos do cotidiano em versões exageradas ou irônicas, evidenciando problemas e contradições da sociedade contemporânea. Ao reavaliar notícias reais e fictícias de forma satírica, a paródia reforça o questionamento sobre a autenticidade das informações, além de evidenciar as falhas e absurdos presentes na cultura e na política, gerando assim reflexões.

Nesse sentido, podemos dizer também que a personalidade e as ações das personagens dentro do romance são uma espécie de *espelho* (Zilberman, 2007) dos comportamentos sociais dos brasileiros no momento em que o livro foi escrito, como por exemplo os preconceitos, a falta de empatia e o egoísmo. A grande maioria desses comportamentos são problemáticos tendo em vista questões como o bem estar e a qualidade de vida da sociedade no geral, afetando as relações entre as pessoas. Dentro da relação das personagens Felipe e Clara, por exemplo, havia uma grande brecha causada pela falta de “conexão”, fato irônico pois logo no início do romance é possível perceber como suas vidas estavam diretamente entrelaçadas com os meios tecnológicos. No capítulo *Ao pisar na rua posso ser morto*, por exemplo, traz o seguinte diálogo entre as duas personagens no qual Clara fala sobre o fato de Felipe não a ter atendido ao celular por ter ficado sem bateria e o critica, chamando-o de arcaico por não usar *os chips implantados no pulso* para se comunicar, como as demais pessoas usam.

- Celular sem bateria? Por que não usa os chips implantados no pulso? Você está ficando arcaico, amigo. Celular portátil você pode carregar em qualquer poste, bar, lixeira, caçamba de entulho, no cu de qualquer pessoa. Tudo tem tomada, Felipe. Até os sapatos vêm com bateria na sola para carregar celular, tablets, o que for de device. Você está doido. (2018, p.27)

Nesse trecho é possível detectar a ideia de que tudo naquela realidade ali descrita estava conectado à tecnologia, tanto os objetos quanto as pessoas, que carregam a tecnologia em seus corpos. Esse tipo de relação tecnológica onde a tecnologia está infiltrada diretamente no corpo humano é chamada por Haraway de *Ciborgue*, “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma

criatura de realidade social e também de ficção.” (HARAWAY, 2000, p. 36). A respeito disso, é possível perceber ao longo da narrativa que, embora a maioria dos habitantes daquele lugar estivessem com essa conexão fazendo parte dos seus corpos, eles ainda assim estavam completamente desconectados da realidade.

No capítulo *Viver uma solidão que vai e vem* é narrada a briga de término entre Clara e Felipe, nele é possível vislumbrar de forma clara que a falta de conexão entre os dois foi um dos fatores decisivos para a sua separação. A relação de Clara e Felipe nada mais é do que um exemplo dos relacionamentos modernos, onde há o uso, na maioria das vezes exagerado, da tecnologia, porém, não existe conexão.

Nesse contexto, a tecnologia digital passou a ocupar um papel central nas interações humanas, promovendo um novo tipo de conexão: a virtual. Embora essa conexão tenha ampliado a capacidade de comunicação entre indivíduos ao redor do mundo, ela também contribuiu para o distanciamento físico e afetivo entre as pessoas. Com o advento das redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas de videoconferência, o contato humano passou a ser mediado por telas. A princípio, isso parecia uma conquista. De fato, nunca foi tão fácil conversar com alguém do outro lado do planeta em tempo real. Segundo Oliveira Filho (2022, p. “Essa conexão virtual alterou nossa convivência profundamente: diante de poucos cliques podemos saber o que o outro está fazendo, seus humores – reais ou não – e até mesmo quais são suas preferências na Netflix.”).

Nessa perspectiva, o romance dá ao leitor a ideia de monitoramento por meio de frases curtas no início de quase todos os capítulos, com expressões como “Câmera no interior de um ônibus gravando, thinking chips ligados.” (Brandão, 2018, p.197), ou em trechos como neste, retirado do capítulo *Cada um abastece sua tornozela ao nascer*.

Abertos, filmados, identificados. Estamos expostos. Convivemos com isso e não há como escapar. Satélites, câmeras por todos os cantos desta cidade, país, continente, mundo, universo, galáxia estão a nos vigiar. [...] Onde há um ser humano, um desumano e um inumano, um agregado, um associal, um indesejável ou um pátria vivendo e respirando, há um aparelho a registrá-lo e a gravá-lo, enviando o universo Cloud. (Brandão, 2018, p. 67)

Nesse trecho é possível destacar a ideia que as personagens têm de que estão em constante monitoramento, e, apesar de não citar quem exatamente os monitora, há trechos em que esse papel é descrito como sendo do governo, como

no recorte a seguir. “Há um bom tempo, determinou-se que cada cidadão, ao nascer, deveria receber a Ultratornozeleira Infinitesimal, UTI, por determinação do Ultrassuperior Tribunal, que detém todo o poder.” (Brandão, 2018, p.69).

O conceito de panóptico, trazido por Michel Foucault em *Vigiar e punir*, refere-se a um sistema de vigilância de uma prisão com prédio circular em que uma única torre de observação ou olho central consegue observar todos os indivíduos sem ser visto, criando uma sensação constante de estar sendo vigiado. Essa estrutura promove uma interiorização da vigilância, levando as pessoas a se comportarem de maneira adequada mesmo na ausência de um policial presente.

Nesse sentido, podemos citar a ideia de panóptico, retratada e criticada por Foucault, para compreender como poder é exercido sobre a população mesmo que em muitos pontos do livro as personagens citam a possibilidade de retirar essas tornozeleiras ou burlar o monitoramento.

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é contínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício. (Foucault, 2013, p.166)

O panóptico é uma metáfora para as formas modernas de controle social, presentes em instituições como prisões, escolas e escritórios, e, atualmente, também se estende às tecnologias de vigilância, como câmeras, celulares e monitoramento digital. Assim, esse dispositivo de vigilância não apenas fiscaliza, mas também molda os comportamentos, reforçando a disciplina e a conformidade social por meio de um poder invisível e internalizado que regula a vida dos indivíduos de forma sutil, porém eficaz.

Na sociedade pós-moderna, a vigilância constante, alimentada pelas tecnologias avançadas, reforça uma forma de controle que, paradoxalmente, alimenta o individualismo extremo. A sensação de estar sempre sendo observado, mesmo que de maneira invisível, leva os indivíduos a internalizar normas e comportamentos que reforçam a conformidade, ao mesmo tempo em que promovem a autonomia e a valorização do “eu” responsável por sua própria conduta.

No entanto, para Byung-Chul Han (2018, p.38), dentro do mundo digital, essa vigilância não é apenas uma sensação, mas sim uma realidade, visto que, de forma

automática, ela é criada pelos próprios usuários das redes, que compartilham todos os eventos do seu dia ao público. Para o autor “A sociedade de controle tem a sua consumação lá, onde os habitantes se comunicam não por coação exterior, mas sim por carência interna.” (2018, p.38).

Essa dinâmica intensifica a hiper individualidade, característica da pós-modernidade, na qual cada pessoa busca afirmar sua singularidade em meio à vigília constante, muitas vezes moldando suas ações de acordo com as expectativas de um olhar externo, seja nas redes sociais ou em ambientes de controle institucional. Assim, a vigilância, ao invés de apenas limitar, também reforça o egoísmo e o individualismo, sob a lógica de que cada um é responsável por sua imagem e seu sucesso, criando um ambiente social onde a liberdade é, na verdade, mediada por uma percepção permanente de olho atento, fortalecendo uma cultura de auto observação e de desempenho contínuo.

Portanto, ao concluir este capítulo, podemos compreender a importância do uso da tecnologia como elemento de manipulação e controle social dentro do enredo. As ações, percepções e conflitos das personagens são fortemente influenciados por essa presença tecnológica, que, apesar de facilitar a comunicação, aprofunda o isolamento e a alienação. Isso reforça a crítica do autor ao modo como a tecnologia, quando não bem regulada, se torna uma ferramenta de poder ainda mais perigosa, contribuindo para a desumanização e para o agravamento das desigualdades sociais, ampliando a compreensão da narrativa distópica como um alerta para os perigos do uso desenfreado das inovações tecnológicas.

4 O PARALELO ENTRE O ACESSO À INFORMAÇÃO E A DESINFORMAÇÃO

Embora, como já citado anteriormente, o romance aqui analisado tenha muitos dos traços característicos do gênero distópico, um ponto que não podemos determinar com clareza é a vida sob um regime político autoritário. No entanto, ainda que não se tenha um ditador específico, pode-se dizer que existe um grupo, “os *astutos*”, Nova denominação dada aos políticos, que de forma não declarada exerce poder sobre os demais cidadãos. Nesse sentido, a repressão vivida pelas personagens é distinta das que temos conhecimento em outros regimes ditatoriais, porém, ainda assim, muito agressiva.

Segundo o dicionário, Astuto é aquele que possui “astúcia, artimanha, malícia” (p.65), ou seja, a palavra possui significação negativa para a caracterização do papel que ela possui no romance, visto que, não se espera de um político, cargo o qual ela nomeia, atitude maliciosa, por exemplo. No entanto, essa ideia trazida por Brandão visa ironizar o padrão de conduta dos ocupantes de cargos públicos no Brasil.

No capítulo *A passagem do comboio dos mortos*, o narrador explica o uso desse novo termo para nomear aqueles que ocupam cargos políticos.

A palavra político perdeu o sentido. passou a ser sinônimo de sicofanta, ímprobo, desonesto, infame, pérfido, falso, mentiroso, sem moral e ética, corrupto, perjuro, mentiroso, bandalho, velhaco, biltre. Em seu lugar, deve ser utilizado o termo *Astuto*, com maiúscula, uma vez que para fazer leis é preciso sagacidade, juízo, engenho, esperteza, requinte, acuidade de visão, argúcia e acúmen. A palavra *política* pode ser escrita e dita quando significar ciência ou filosofia. (Brandão, 2018, p. 23)

Neste trecho, é possível fazer uma associação sobre todos os adjetivos usados para caracterizar o termo *políticos* e a verdadeira moral e caráter que a sociedade de hoje credita a eles, depois de todos os escândalos de corrupção ao longo da história de nosso país. E é nesse sentido também que é possível perceber a manipulação presente naquele contexto da narrativa por parte do governo e órgãos que exercem o poder sobre a população, é possível observar como essa manipulação se dá, qual a veracidade das informações que são divulgadas, como ela é passada adiante e como todos os eventos giram para que a sociedade do romance não consiga sair daquele ciclo de tragédias e caos.

As notícias distribuídas dentro da estrutura do livro trazem inúmeros eventos em que os poderes públicos e grandes entidades têm grande influência nos fatos e até mesmo culpa sobre determinadas tragédias. Porém, embora essas notícias sejam absurdas, elas não deixam de ter uma conexão com os problemas que muitos brasileiros enfrentam. No capítulo *Obras monumentais mudam o Brasil*, por exemplo, uma sequência de notícias chama atenção por seu sensacionalismo e pelo agravamento de problemas já vistos nos dias de hoje.

Fatos do passado remoto, sempre revividos.
 Hora do almoço, pela 23ª vez, no metrô lotado homem ejacula no colo de jovem que grita e ninguém no vagão se move, todos fingem nada ver. O homem desce na estação seguinte e ainda acena para a vítima pela janelinha. Todos ficam horrorizados, ninguém fez um gesto. (Brandão, 2018, p.79)

Nesse caso é possível observar não só a forma bastante impactante como a notícia é dada, mas também o agravamento de problemas como , por exemplo, o assédio sexual e a violência contra as mulheres. No ano de 2018, ano em que o livro foi publicado, segundo dados coletados pelo Instituto de pesquisa Datafolha e divulgados no jornal Folha de São Paulo, mais de 40% das mulheres brasileiras afirmam já terem sofrido abuso sexual. O que choca nesse tipo de situação destacada na matéria do romance não é somente o crime, mas a impunidade para com o seu autor.

As lutas sociais presentes na pós-modernidade são tratadas de forma irônica nessa narrativa, em situações em que as minorias ou as classes que estabelecem lutas, como a do feminismo no recorte anterior, são postas a prova em situações de agravamento dos preconceitos. Para Haraway (2000), na pós-modernidade as lutas sociais se tornam cada vez mais importantes.

Não conheço nenhuma outra época na história na qual tenha havido uma maior necessidade de unidade política, a fim de enfrentar, de forma eficaz, as dominações de “raça”, de “gênero”, de “sexualidade” e de “classe”. (Haraway, 2000, p. 53)

E, bem como o próprio autor traz logo na primeira linha da manchete, os eventos descritos são fatos ocorridos em um passado remoto, nosso atual presente levando em consideração o tempo da narrativa, e que são sempre revividos, constantemente, ou seja, o caso ali narrado não é um evento isolado da sociedade, é algo repetitivo, e que naquele tempo da narrativa se tornou ainda mais grave.

Já em relação ao segundo aspecto analisado, a veracidade das informações, foi possível destacar que, em momento algum do romance o autor identifica se as notícias ali veiculadas são verdadeiras ou não, isso é um ponto relevante pois, embora seja uma história que se passa no futuro, esse é um aspecto muito presente na sociedade dos dias de hoje, visto que, por meio da internet temos acesso a todo tipo de conteúdo, e de forma simples é possível manipular títulos para que a manchete se torne mais atrativa e também não é difícil propagar informações sem veracidade nenhuma pelo simples fato de que todos podemos ser “informantes”. De forma simples, pode-se dizer que todos podem produzir notícias verdadeiras ou falsas e que a grande maioria da população dará continuidade ao processo de divulgar essas notícias por não terem o trabalho de verificar sua veracidade.

É o tempo em que vivemos. Cirurgias plásticas , tatuagens, celebridades, fotos de instagram, selfies, ter iPad, iPod, iPut, enviar tuítes, ter milhares de seguidores no Facebook, dialogar/comunicar-se pelo WhatsApp, meninas/meninos de oito anos escrevendo livros tolos, bestas, e vendendo milhares de exemplares, vivemos uma era de infantilização, informação, informações, informações, informações, info-informação. E nenhum conhecimento. (Brandão, 2018, p.75)

No capítulo *Cada um de seu lado bate, agride, mata*, do qual foi retirado o recorte acima, fala sobre vários tipos de influência que a tecnologia tem na vida das pessoas, entre elas a manipulação das informações, que tem uma propagação cada vez mais rápida com a constante criação de novos aplicativos e novos dispositivos tecnológicos.

Por fim, o último ponto verificado é a forma como essa propagação e criação de notícias falsas pode manipular a opinião daqueles que as consomem. No livro, isso pode ser visto em vários trechos, como entre as páginas 79 e 80 do capítulo *Obras monumentais mudam o Brasil*.

Não há palavras para descrever. Grandes governos têm engrandecido esta nação. Avançamos.

O trânsito na Rodovia A 36 57, que atravessa o país, está paralisado há dias, as laterais da estrada repletas de curiosos. A telinha não é suficiente para mostrar a grandiosidade dessas máquinas monumentais. [...] Atrás destas máquinas, aumenta o número de pessoas que estão deixando as cidades. A maior diáspora de todos os tempos. Os governos se limpam de suas sujeiras humanas. (Brandão, 2018, p.80)

Neste capítulo são narrados por meio de uma matéria de televisão os processos de construção de obras públicas que estão paradas desde o ano de 2020, no entanto, são dadas tantas desculpas para esses atrasos que ao final da

matéria o locutor ainda cita a seguinte frase: “*Tempos maravilhosos estes, telespectadores? Todas as crises foram extintas.*”(Brandão, 2018, p.80). Ademais, além dessas obras serem narradas como algo positivo, mesmo estando atrasadas por muito tempo é possível perceber a decisão política por trás disso tudo, e como o descaso com a comunidade que é afetada por essas obras é mascarado pela forma como os fatos são narrados pela mídia.

Ainda sobre essa manipulação de notícias, no capítulo *Anunciando a célebre conferência*, Clara e sua irmã Lena conversam a respeito de uma conferência que aconteceria no ano seguinte em sua cidade, Morgado de Mateus, a qual teria relação com o *astuto* Altivo Ferraz, grande corrupto e sobre o qual nenhum cidadão tem certeza do paradeiro. Nesse contexto Lena declara:

Percebe, Clara, que tudo neste Brasil é conjugado num tempo só de verbo? Futuro do pretérito. Teria. Ninguém mais pode afirmar nada por lei. Tudo é suposição, dizem que é uma mudança semântica (será *semântica* a palavra?) provocada pelos muitos processos contra a mídia. (Brandão, 2018, p. 84)

Aqui é possível evidenciar não somente a posição de Lena a respeito dessa temática, mas também a forma como a mídia procede após “inúmeros processos”, ou seja, usando termos que retiram a sua culpa por difundir notícias inverídicas, conhecidas popularmente como *Fake News*. Para a ONU “A integridade da informação refere-se à precisão, consistência e confiabilidade da informação.” (2023, p. 5), isto é, as notícias mascaradas por essa “mudança semântica”, perdem sua integridade visto que isso afeta sua consistência e confiabilidade. Em relação ao uso do termo *Fake News*, a UNESCO o define como inapropriado.

Evita-se admitir que o termo fake news (“notícias falsas”) possua um significado direto ou comumente compreendido . Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais. (2018, p.7)

Dessa forma, optamos pelo uso do termo *notícias falsas* na escrita deste trabalho.

No ano de 2018, mesmo ano em que o romance foi publicado, durante as eleições presidenciais, o destino do país foi decidido por cidadãos que estavam em

constante contato com essas notícias falsas, nas quais eram veiculadas informações difamatórias a respeito dos candidatos a fim de prejudicar suas campanhas. E ainda, segundo o Informe da ONU já citado anteriormente, “A informação falsa e a desinformação são criadas por uma ampla gama de atores, com várias motivações, que em geral, conseguem permanecer anônimos” (2023, p.6). Dessa forma, é um problema difícil de ser solucionado e que não depende somente de lideranças, mas principalmente do comprometimento da população. É nesse mesmo aspecto que podemos chegar à conclusão de que esse trabalho de criar as notícias falsas, para continuar funcionando, se baseia justamente na lógica abordada anteriormente segundo a qual os leitores não checam uma informação antes de passá-la adiante. Dessa forma, é muito simples fazer com que, um grupo de pessoas que acompanha determinado candidato ou cidadão “influente” nas redes sociais, e o vê compartilhando determinada notícia, por ter ideologias semelhantes às dele, acabe compartilhando essa informação divulgada por ele.

Ao concluir, fica evidente que o assombroso aumento no volume de informações, aliado à propagação desenfreada de notícias falsas, revela uma complexa tensão entre o acesso amplo ao conhecimento e os riscos da desinformação. Nesse contexto, a facilidade de produção e disseminação de conteúdos, muitas vezes sem verificabilidade, transforma a esfera pública em um campo fértil para manipulações e distorções, prejudicando a formação de uma opinião crítica e informada. A vulnerabilidade das pessoas diante desse cenário reforça a necessidade atual de uma atuação consciente por parte dos cidadãos, das instituições e dos meios de comunicação, para preservar a integridade da informação e garantir que o acesso ao conhecimento seja um verdadeiro instrumento de emancipação e não de manipulação social, garantindo assim um futuro onde esse problema não seja agravado como no romance de Brandão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* de Ignácio de Loyola Brandão revela uma obra profundamente conectada com as questões sociais, políticas e tecnológicas do Brasil contemporâneo. Através de uma ambientação distópica baseada no subgênero Cyberpunk, o autor nos leva a refletir sobre os perigos do avanço desenfreado da tecnologia, aliado ao caos social, à desigualdade e à corrupção, elementos presentes na narrativa e que possuem forte ressonância com a realidade brasileira.

Distopias como essa desempenham um papel crucial na sociedade ao funcionar como mecanismos de reflexão e alerta sobre os perigos do rumo que estamos trilhando. Por meio de narrativas que projetam futuros sombrios e cenários de crise, elas estimulam o pensamento crítico acerca das nossas ações presentes, das políticas públicas e do uso responsável da tecnologia, ajudando a identificar possíveis consequências negativas de nossas escolhas. Dessa forma, as obras distópicas servem como um espelho que revela as vulnerabilidades e os riscos de uma sociedade irresponsável, promovendo o debate necessário para evitar que esses cenários se concretizem. O papel do subgênero Cyberpunk na construção dessa obra contribui para uma compreensão crítica dos efeitos do futurismo ficcional, que serve como alerta para os possíveis desdobramentos de tendências atuais, como o aumento da desigualdade, o prejuízo ao meio ambiente e a perda da liberdade de expressão.

No caso do romance analisado, a ambientação da narrativa representa um Brasil futurista, sobrevivendo em um ano não identificado, porém reconhecível, cuja sociedade está marcada pelo esquecimento de suas próprias raízes e pelo caos decorrente de uma crise de valores. A presença da tecnologia na vida das personagens ilustra a complexa relação de conexão e desconexão que caracteriza a pós-modernidade. Felipe e Clara representam, nesse contexto, os diferentes modos de se relacionar com o mundo digital, mostrando como as práticas tecnológicas podem tanto facilitar quanto dificultar as relações humanas, além de reforçar o sentimento de alienação e individualismo presentes na sociedade atual.

Ademais, a manipulação midiática e a representação da crise social na narrativa evidenciam uma sociedade que é constantemente distorcida por interesses políticos e econômicos de uma parcela pequena da população, que detém maior

poder e riquezas. É possível concluir que, a forma como as obras públicas são retratadas pelo telejornais e a narrativa que a mídia dá mascaram a gravidade dos problemas sociais e políticos, contribuindo para o afastamento da população das questões mais urgentes, tal como reforçado na análise dos capítulos do livro.

Em suma, a obra de Brandão cumpre uma importante função de denúncia social ao retratar um futuro possível e não tão distante, baseado em comportamentos presentes, e ao expor de forma clara as consequências de uma sociedade cada vez mais tecnológica, superficial e desigual. Ao fazer isso, a narrativa reforça a necessidade de uma postura crítica e responsável frente às inovações tecnológicas e às nossas ações cotidianas, para que não sejamos vítimas de uma distopia que, infelizmente, parece cada vez mais próxima de nossa realidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. **Cyberpunk e Pós-modernismo**. Biblioteca On-Line de Ciências de , 2003.

AMARAL, Adriana. (2005). **A metrópole e o triunfo distópico**: a cidade como útero necrosado na ficção cyberpunk. Intexto, 2 (13), 1-14.
<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4211/4465>

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela. São Paulo: Global, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lexikon Editora, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade culttffal na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Editora Vozes Limitada, 2018.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura**: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HUTCHEON, Linda, 1947- **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**/ Linda Hutcheon; tradução Ricardo Cnz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Paródia**, tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa, Edições, v. 70, 1989.

INSTITUTO DATAFOLHA. **Assédio sexual entre as mulheres**. São Paulo: 11 de janeiro de 2018. Disponível em:
<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/01/1949701-42-das-mulheres-ja-sofreram-assedio-sexual.shtml> . Acesso em: 12 de maio de 2025.

LEMOS, André. **Ficção científica cyberpunk**: o imaginário da cibercultura. *Conexão-Comunicação e Cultura*, v. 3, n. 06, 2004.

OLIVEIRA FILHO, D. E., Lima, A. B. (2022). **A “Profecia Cyberpunk”: da Tecnomodernidade Distópica ao Humano-Máquina do Século XXI**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003241107>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Informe de política para nossa agenda comum: Integridade da Informação nas Plataformas Digitais**. Rio de Janeiro: ONU, Outubro de 2023. [Disponível em: https://brasil.un.org/sites/default/files/2023-10/ONU_Integridade_Informacao_Plataformas_Digitais_Informe-Secretario-Geral_2023.pdf]. Acesso em: 28 de abril de 2025.

SAMPAIO, Tamires Gomes. A luta por uma educação emancipadora e de qualidade. **Por que gritamos golpe**, p. 145-149, 2016

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Paradigma do caos ou cidade da conversão?: a cidade colonial na América portuguesa e o caso da São Paulo na administração do Morgado de Mateus (1765-1775)**. Diss. [sn], 2004.

UNESCO.Journalism, ‘Fake News’ & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training. 2018, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/257093-jornalismo-fake-news-desinforma%C3%A7%C3%A3o-manual-para-educar-e-treinamento-em-jornalismo>

ZILBERMAN, Regina. **O espelho da literatura**. *Portuguese cultural studies*, v. 1, n. 1, 2007.